



“AS TRANSFORMAÇÕES NO OFÍCIO MÉDICO E SUAS RELAÇÕES COM AS ARTES DE CURA NO RIO DE JANEIRO (1840-1889)”

RODRIGO ARAGÃO DANTAS

aragao02@hotmail.com

Orientadora: Tânia Salgado Pimenta

Mestrando

COC/Fiocruz

O presente trabalho pretende analisar as relações existentes entre o exercício das atividades de sangrador e médico no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX.

Para entendermos a importância do sangrador, devemos lembrar que durante quase todo o século XIX as concepções médicas acadêmicas baseavam-se no paradigma hipocrático-galênico, segundo o qual, o corpo humano era composto por humores cujo equilíbrio em termos de quantidade e localização, contribuía para a saúde individual. (LEGIBRE, 1985) Nesse sentido, um dos recursos mais utilizados nesse período foi a sangria. Apesar disso, considerava-se a sangria um ramo da arte da cirurgia, que por sua vez, sendo uma atividade manual e que lidava diretamente com o sangue, era desvalorizada em relação à medicina, uma “arte liberal”, que eximia o médico de tocar no doente, senão para verificar o pulso. (BARRADAS, 1999) Desde a Idade Média as pessoas que desempenhavam a sangria associavam-se em confrarias e pertenciam a camadas sociais inferiores. No Brasil do século XIX, essa hierarquia das artes de curar se mantinha. Assim, naquele contexto, não havia ninguém mais apropriado para desempenhar as atividades de “sarjar, sangrar e aplicar sanguessugas e ventosas” do que os escravos e os forros.

De fato, os dados obtidos a partir da documentação da Fisicatura-Mor, órgão responsável pela regulamentação e fiscalização das artes de curar e atividades afins entre 1808 e 1828, confirmam a afirmação acerca de quem exercia a arte da sangria, apesar de não sabermos o quão significativo é o número de sangradores oficializados em relação ao total que atuava no período. A análise baseada nos processos da Fisicatura-Mor a respeito da condição jurídica dos sangradores identificou que, entre os pedidos brasileiros, em 84% (que corresponde a 164 em 193 pedidos) dos casos tratava-se de forros, escravos ou indivíduos livres que podiam ser sangradores e, na maior parte das vezes, obtinham esta habilitação antes ou junto com a de cirurgiões. No entanto, escravos e forros eram praticamente sempre sangradores, não podendo aspirar a um nível hierárquico mais



alto dentro dos princípios estabelecidos pela Fisiatura-Mor. Entre os pedidos brasileiros que apresentavam a condição jurídica do suplicante 61.7% (ou seja, 101) eram escravos e 38.3% (63), forros. (PIMENTA, 1998)

Desse modo, percebe-se que esses dados vão ao encontro dos relatos da época, como os de Walsh e Debret, autor de gravuras clássicas sobre essas atividades. Negros e mulatos constituíam a maior parte dos sangradores. (DEBRET, 1940) Segundo Debret, as lojas normalmente pertenciam a negros libertos, que empregavam escravos, instruindo-os como aprendizes. (CUNHA, 1985) Entre os 173 sangradores com 'nacionalidade' definida, 61.3% (106 em 173) haviam nascido na África. Verificamos, assim, que os africanos ocupavam predominantemente este ofício. E entre os nascidos no Brasil, a maior parte era de escravos e forros, portanto descendentes dos primeiros.

À medida que a corporação médica se organizava ao longo da primeira metade do século XIX, a sangria foi sendo considerada uma operação delicada e complexa demais para escravos e forros. Isso, no entanto, não aconteceu de uma hora para outra. A figura do sangrador estava longe de representar um consenso para os médicos. Percebemos, no entanto, que mesmo com as tentativas de reprimir e desqualificar a prática da sangria por barbeiros, ou agentes de cura não pertencentes ao círculo médico oficial, estes continuavam atuando ao longo da segunda metade do século XIX.

Mesmo existindo um movimento crescente de prestígio dos médicos acadêmicos, principalmente os ligados à faculdade de medicina, o que se observou foi que a corporação médica não era coesa (EDLER, 1992), existindo vários debates e disputas, o que dificultava uma ação conjunta de repressão das artes de curas populares. Por existir discordância e disputas no interior da própria elite médica, ao propormos analisar as relações dos médicos ordinários¹, que pela sua posição social pode permitir brechas maiores de interação com os sangradores, temos um campo interessante de estudo.

Para tal análise utilizamos como principal fonte o Almanak Laemmert. No almanaque conseguimos colher informações referente aos nomes e endereços dos sangradores e médicos que atuavam na cidade do Rio de Janeiro entre os anos de 1844 até 1899. Com tais informações utilizamos um mapa padrão da cidade do ano de 1852 e mapeamos as áreas de atuação dos médicos e sangradores, dividindo o período em nove mapas abrangendo cinco anos cada, sempre tentando

1

□ Entendendo médicos ordinários, como os profissionais diplomados, que praticavam a medicina, mas não eram nem professores da faculdade de medicina e nem membros titulares da Academia Imperial de Medicina



fazer uma correspondência entre os dois ofícios. Além do mapeamento quantificamos e categorizamos os números referentes aos anúncios dos ofícios citados.

No caso dos barbeiros encontramos cerca de 2500 anúncios sendo desses, 1000 anunciantes. Observamos um aumento gradual de anunciantes no almanaque, com uma média de 93 anunciantes por ano ao longo de toda a segunda metade do século XIX. Houve também um aumento significativo de lojas de barbeiros no mesmo período. Atentamos também para o número de barbeiros anunciantes antigos e novos e o número de anunciantes que mudaram ou permaneceram no mesmo endereço entre um anúncio e outro. Quanto a este aspecto, constatamos a inserção de poucos barbeiros novos dentro de cada ano de anúncio, uma média de 24% junto com uma taxa ainda menor de 3% de barbeiros que mudavam de endereços. Esses números iniciais da análise nos indicam que além do aumento gradual das lojas de barbeiros, houve pouca variedade de mudanças de endereços e um pequeno número de barbeiros novos que anunciavam de um ano para outro. Isso nos indica uma permanência dos barbeiros e pode apontar para uma possível rede entre estes e seus clientes. Tais resultados também confirmam a importância desse ofício na sociedade carioca do século XIX e sua razoável renovação a cada ano.

Já para os médicos também encontramos um número crescente de anunciantes para os primeiros anos, mas logo esse número se estabiliza em uma média de 300 anunciantes por ano. No ano inicial de 1844 temos 87 anunciantes, número que vai aumentar até o ano de 1857, quando se registra um número de 344 médicos anunciantes. A partir dessa data até o ano final de 1889 os números se estabilizam em uma média de pouco mais de 300 anúncios por ano. Essa informação vai ao encontro dos números apresentados por Flávio Edler (1992), ao trabalhar com a quantidade de médicos atuantes na corte para a segunda metade do século XIX.

Ao cruzarmos os dados dos médicos e sangradores anunciantes, temos o número total desses anunciantes com duas características diferentes: quanto aos barbeiros, temos um aumento gradual contínuo dos anúncios até o último ano analisado, já para os médicos, esse aumento é verificado até o ano de 1857 quando há uma estabilização dos anúncios na média de 350 por ano, como mostra o gráfico abaixo. Cabe observar que os números absolutos de barbeiros e médicos só se equivalem para o segundo ano da amostragem. Nos demais anos trabalhados, o patamar de número de médicos sempre foi maior que o do número de barbeiros.

A relativa estabilidade no número de médicos anunciantes a partir de 1854 pode ser reflexo da crise da clínica médica gerada pela crescente competição por uma clientela reduzida, sendo



assim, muitos recorriam a cargos públicos. Como nos indica Edler: “ afirma-se uma tendência de empobrecimento da maioria dos médicos, gerada pela crescente competição em torno da reduzida clientela de ‘ boa casa’, e aguçada pela livre atuação de outras categorias de curadores” (EDLER, 1992: 63). Como destaca o autor, a própria competição por espaços de atuação entre os médicos e os outros ofícios de curar, interferiram no modo como a profissão se inseriu e desenvolveu na corte. O fato dos barbeiros manterem uma curva de aumento das barbearias também demonstra uma permanência e competitividade, mesmo sofrendo com a desautorização política que a medicina acadêmica tentava impor. Para melhor observar essa inter-relação, passamos para outras duas abordagens: com os mapas da cidade onde podemos observar a distribuição e concorrência espacial dos dois ofícios e posteriormente a análise da documentação judiciária acessada através dos nomes encontrados no Almanak Laemmert.

Ao transformarmos os dados sobre as lojas de barbeiros para os mapas, utilizamos a metodologia de Moretti que fez uso da cartografia como outra maneira de entender a realidade literária, ao invés de só utilizar a forma escrita de representação.² Segundo o autor:

“... o método de pesquisa, que é o mesmo em toda parte e se baseia no uso sistemático de mapas. De mapas não como metáforas, quero dizer, e menos ainda como ornamentos do discurso, mas como ferramentas analíticas: que dissecam o texto de maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas” (MORETTI, 2003) .

Assim concordamos com Moretti quando ele considera que através do trabalho com mapas podemos observar certas relações que nos escapam se trabalharmos só com os textos.

Neste estudo, os mapas que fizemos e utilizamos nos foram importantes, pois permitiram a construção de uma nova perspectiva para abordar o assunto, vinculada às articulações espaciais que por outros métodos poderiam passar despercebidas. Ao fazer os mapas com os dados dos endereços dos barbeiros, pudemos observar onde se concentrava a atuação desse ofício na cidade, além das modificações e deslocamentos que ocorreram com o passar dos anos. Com essas informações foi possível cruzar dados espaciais com outras fontes, como os inventários, procurando chegar a um entendimento mais completo da atuação e das transformações desse ofício na cidade.

² Passando para a análise dos mapas, cabe nos dizer que esta foi baseada nas interpretações de Moretti (2003) em seu livro, Atlas do Romance Europeu (1800-1900), sobre como se trabalhar e analisar representações cartográficas. Nessa obra o autor propõe analisar a literatura do século XIX, através de mapas. Muito embora sua obra seja relacionada à literatura, propomos trabalhar com seus conceitos através, não de uma obra literária, mas sim da análise da documentação histórica.



O primeiro mapa feito e analisado corresponde ao período de 1844 até 1848. Nesse mapa temos a marcação de 41 endereços de anunciantes. Sua concentração espacial refere-se principalmente às áreas centrais da cidade, entendendo como centro da cidade, o espaço que ia desde o limite natural da Baía da Guanabara até o Campo de Santana, no eixo Leste-Oeste e no eixo Norte-Sul do morro do Livramento até o morro do Castelo, destacando-se o entorno da atual praça XV e os primeiros números da rua Primeiro de Março. Além desses endereços, verificamos uma concentração significativa ao longo das ruas do Ouvidor, do Sabão e de São Pedro³. Observamos já nesse primeiro mapa uma presença significativa das lojas de barbeiros na cidade, principalmente no Centro, indicando que os anunciantes eram provavelmente pertencentes à classe mais baixa da sociedade carioca, já que nessas áreas mais centrais da cidade se concentrava um maior número dos grupos sociais subalternos.

A concentração de anunciantes nas ruas e imediações apontadas no primeiro mapa se repetiu até pelo menos o mapa correspondente ao quinquênio de 1859-1863, sempre se observando um aumento ano após ano, da presença dessas lojas no cotidiano dos cariocas. A partir do mapa correspondente aos anos de 1859-63, houve um aumento significativo da concentração de anunciantes nas imediações do largo de São Domingo (atual av. Presidente Vargas) e ao longo de toda a rua Primeiro de Março. É a partir desse mapa que podemos observar uma expansão dessas barbearias para outras áreas, como além do Campo de Santana, Lapa e Glória. Essa tendência acompanhou um crescimento da cidade para as áreas antes pouco povoadas. Muito embora se observe esse aumento, não houve um esvaziamento da presença das barbearias nas áreas centrais da cidade. Pelo contrário, houve um aumento da concentração. Observamos que os estabelecimentos indicados pelo mapa nas áreas periféricas da cidade são de barbeiros novos, pois como se observou anteriormente, a taxa de barbeiros que mudaram de endereço foi de apenas 3 %.

O mapa correspondente ao período de 1864-68 destaca-se como o ápice da concentração das barbearias no centro da cidade, sempre com um aumento contínuo dos estabelecimentos a ponto de que neste período, tenha existido pelo menos um estabelecimento de barbearia em cada rua da cidade. O mapa correspondente ao período de 1869-1873 mostra uma maior dispersão das lojas para as áreas periféricas da cidade, mudando um pouco o padrão de concentração. Mesmo assim, o número de barbearias continuou alto no período, no centro da cidade. Essa maior dispersão das

³ Sendo que as duas últimas ruas não existem mais, tendo sido destruídas para a construção da Avenida Presidente Vargas.



barbearias foi visto como algo decorrente do crescimento natural da cidade para áreas antes pouco habitadas (SOARES, 2007: 22-23).

No período correspondente aos anos de 1874-78 observamos a primeira queda no total de número de barbearias anunciadas na cidade. Essa diminuição se refletiu principalmente nas zonas periféricas da cidade, perdendo grande concentração das barbearias antes anunciadas. Ao analisarmos os números da inserção de novas barbearias nesse período, vimos que a diminuição desses estabelecimentos teve mais a ver com a pouca inserção de novas barbearias do que a diminuição das barbearias antigas. Nesse ponto da pesquisa imaginávamos que haveria um decréscimo natural em relação aos próximos mapas, por conta da repressão oficial às práticas terapêuticas exercidas nesses lugares, já que por sua estrutura física fixa, seriam lugares mais frágeis frente a fiscalização oficial. Observamos, no entanto, que essa queda no quinquênio de 1874-78 foi singular e não foi acompanhada nos outros mapas posteriores, em que o ritmo de crescimento das barbearias aumentou em relação aos primeiros mapas, concentrando-se tanto nas áreas centrais quanto com uma forte expansão para as zonas periféricas da cidade.

Nos dois últimos mapas de 1879-1883 e de 1884-1889, observamos um grande aumento das barbearias e sua disseminação entre todas as áreas centrais da cidade e as zonas periféricas, incluindo algumas indicações para áreas que não estavam contempladas no mapa, como: Tijuca, Glória, Flamengo e Lagoa. Isso indica mais uma vez, a permanência e o aumento do número dessas barbearias que acompanharam de perto o ritmo de crescimento acelerado que se apresentou na cidade do Rio de Janeiro, na segunda metade do século XIX.

Nesse levantamento quantitativo feito através dos números e mapas apresentados anteriormente, pretendemos analisar se houve uma permanência dos barbeiros através de suas lojas na cidade na passagem da primeira metade do século XIX para a segunda. Trabalhos anteriores como os de Pimenta(1997 & 2006), Jeha(2006) e Pires(2006), indicam que havia uma permanência dessa prática em toda a primeira metade dos Oitocentos a despeito da desautorização sofrida com o fim da Fisicatura e o aumento da fiscalização que, embora fosse insuficiente, existia. Observamos que houve um aumento significativo e ininterrupto do número de barbearias em todas as partes da cidade, o que inicialmente poderia ser interpretado como uma continuação e aumento das práticas de sangria desautorizadas na cidade.

Outro fato que pudemos observar através desse estudo quantitativo foi a importância que essa atividade teve na cidade. Um grande número dessas lojas ocupou espaço significativo na



cidade, nos indicando o quanto essas lojas eram importantes para a população em geral, que muitas vezes escolhiam as práticas de cura desautorizadas por entenderem que elas melhor atendiam seus anseios e perspectivas(WITTER, 2001). Muitas vezes a própria medicina oficial recorria a esses sangradores por entenderem que era cabível a sua atividade frente a um problema de um enfermo ou mesmo por falta de pessoal especializado que se dispusesse a fazer a sangria (PIMENTA, 2006).

Quando analisamos os mapas dos médicos anunciantes o aumento do número de médicos é presente até o mapa de 1854-1858, após esse período esse número se estabiliza. Antes, já no primeiro mapa, observamos um padrão de disseminação dos consultórios médicos pela maioria das ruas do centro do Rio e também por bairros mais afastados como: Glória, Catete, Botafogo e Lagoa. Esse padrão de disseminação em comparação com os mapas dos barbeiros é muito maior e mais rápido. Um movimento assim só foi observado a partir do quinquênio 1864-1868.

Nos dois últimos mapas de 1879-1883 e de 1884-1889, observamos um grande aumento das barbearias e uma estabilização contínua dos anúncios de médicos. Nesses últimos mapas as barbearias chegam ao ápice, rivalizando em presença espacial com os consultórios médicos, muito embora em números absolutos a presença dos consultórios é aproximadamente o dobro da de barbearias.

Após a análise dos mapas apresentados, passaremos para a análise dos inventários dos anunciantes, barbeiros e médicos. Para tal trabalho relacionamos todos os nomes dos barbeiros e de médicos anunciantes no Almanak Laemmert e pesquisamos processos judiciais no Arquivo Nacional. Essa fase da pesquisa ainda está em desenvolvimento, sendo que o material colhido ainda se apresenta em fase de amostragem, priorizando assim uma análise qualitativa.⁴

Analisamos, dessa forma, dez inventários de barbeiros, dos seguintes indivíduos: Antonio José Dutra⁵; José Xavier Esteves⁶; Barnabé Antonio Dias⁷; Antonio Lopes Saraiva⁸; Antonio

4 Para tal análise procuramos trabalhar com os conceitos da micro-história discutidos principalmente por Carlo Ginzburg (1989) e Giovanni Levi (1992, 2000)

5 Arquivo Nacional. Inventário de Antonio José Dutra, Caixa 475 Número. 1975

6 A.N. Inventário de José Xavier Esteves, cx 4158 n. 1835

7A.N. Inventário de Barnabé Antonio Dias, cx 4023 n. 602

8 A.N. Inventário de Antonio Lopes Saraiva, cx. 4005 n. 272



Rodrigues Fontes⁹, Felisberto de Campos¹⁰, Antonio José Gomes¹¹ que, Candido José Loivos,¹² Francisco Antonio Monteiro e Antonio Rodrigues de Carvalho,¹³

Ao analisarmos esses inventários conseguimos identificar uma mudança no perfil das barbearias ao longo do século XIX. Esses lugares, antes muito ligados a cura, passam a se identificar como lugares de estética, se aproximando dos salões de cabeleireiros modernos. (DANTAS, 2011). Como exemplificação da conclusão, temos os inventários de Antonio Rodrigues Fontes e Felisberto de Campos. No inventário de Antonio Rodrigues Fontes encontramos um cartão que anunciava a sua loja: “Ao Salão Elegante para barbear e cortar cabelos de A R Fontes, Rua dos Ourives 77, Tem sempre um Completo sortimento de Perfumarias e Salla particular para tingir barbas e Cabellos.”¹⁴. Nos dois inventários temos objetos de perfumaria e estética.

Outra característica importante que podemos destacar na análise da documentação judicial, foi que todos os dez barbeiros identificados até o momento eram portugueses. Através de suas Habilitações matrimoniais, conseguimos identificar uma rede de solidariedade entre esses indivíduos e amigos ou parentes que testemunham a favor de seu casamento. Esse tipo de análise nos permitiu perceber que, a maioria dessas testemunhas também eram portuguesas e tinham como atividade principal ofícios como: carpintaria, comerciantes e alfaiates, conectando esses barbeiros a um grupo de profissionais ligados a atividades manuais urbanas não ligados a cura, o que corrobora com a conclusão anterior de uma mudança nas características desses barbeiros da segunda metade do século XIX.

Para a pesquisa essa conclusão elucida a aparente contradição de números, pois em uma época em que a medicina acadêmica ganha força e reprime as práticas de curas populares, temos um aumento contínuo dos estabelecimentos de barbeiros. Se entendermos que esses estabelecimentos mudam de perfil e práticas, conseguimos resolver a aparente contradição numérica representada

9 A.N. Inventário de Antonio Rodrigues Fontes, cx. 349 n. 5025

10 A.N. Inventário de Felisberto de Campos, cx. 259 n. 6039

11 A.N. Inventário de Antonio José Gomes, Maço 421 Número 5093

12 A.N. Inventário de Candido José Loivos, Maço 2386 Número 2359

13 A.N. Inventário de Antonio Rodrigues de Carvalho, Caixa 4253 Número

14 A.N. Inventário de Antonio Rodrigues Fontes, cx. 349 n. 5025, f. 43



pela curva crescente das barbearias ao longo da segunda metade do XIX. Cabe ressaltar que mesmo com essa mudança no interior das lojas de barbeiros, a prática da sangria continuava sendo exercida, principalmente pelos barbeiros ambulantes, até as últimas décadas do XIX. (FIGUEIREDO, 2002)

Este trabalho ainda está em andamento, por isso até o momento conseguimos identificar apenas três documentos referentes aos médicos anunciantes que podem ajudar a entender como era a formação e o cotidiano dos mesmos, são eles: Tomas Cochrane¹⁵, Bento José Martins¹⁶ e Mariano José de Oliveira¹⁷. Os dois primeiros médicos foram homeopatas, sendo Tomas Cochrane um notório introdutor da homeopatia no Brasil e fundador da Academia Médico-Homeopática do Brasil (SANTOS FILHO, 1976), Além de Mariano José de Oliveira que através de seu inventário conseguimos nomes de seus familiares e a relação dos seus objetos pessoais.

A partir do cruzamento dessas informações cartoriais pretendemos entender melhor as relações entre os curadores populares e os médicos atuantes na corte do Rio de Janeiro. Cabe ressaltar que a pesquisa empírica em relação aos médicos está no início, mas através dos mapas e números obtidos com a análise do Almanak Laemmert, conseguimos traçar algumas relações com os números de barbeiros anunciantes.

BIBLIOGRAFIA

Primária

Arquivo Nacional. Inventário de Antonio José Dutra, Caixa 475 Número 1975.

Arquivo Nacional. Inventário de José Xavier Esteves, Caixa 4158 Número 1835.

Arquivo Nacional. Inventário de Barnabé Antonio Dias, Caixa 4023 Número 602.

15 A.N. Tomas Cochrane, cx 1316, n. 1851

16 A.N. Bento José Martins, cx 114, n. 1853

17 A.N. Mariano José de Oliveira, Maço 203, n. 170



Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Lopes Saraiva, Caixa 4005 Número 272.

Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Rodrigues Fontes, Caixa 349 Número 5025.

Arquivo Nacional. Inventário de Felisberto de Campos, Caixa 259 Número 6039.

Arquivo Nacional. Inventário de Antonio José Gomes, Maço 421 Número 5093.

Arquivo Nacional. Inventário de Candido José Loivos, Maço 2386 Número 2359.

Arquivo Nacional. Inventário de Francisco Antonio Monteiro, Maço 392 Número 3848.

Arquivo Nacional. Inventário de Antonio Rodrigues de Carvalho, Caixa 4253 Número 2423.

Arquivo Nacional. Tomas Cochrane, Caixa 1316 Número 1851.

Arquivo Nacional. Bento José Martins, Caixa 114 Número 1853.

Arquivo Nacional. Mariano José de Oliveira, Maço 203 Número 170.

Almanak Laemmert- Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Império do Brazil, anos de 1844 a 1889.

Secundária

BARRADAS, Joaquim. *A arte de sangrar de cirurgiões e barbeiros*, Lisboa, Livros Horizonte, 1999.

CUNHA, Manuela C.. *Negros, estrangeiros - os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

DANTAS, Rodrigo Aragão. *Barbeiros-Sangradores: expansão e transformação do ofício*. Monografia, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*, São Paulo, Livraria Martins, 1940

EDLER, Flávio. *As reformas do ensino médico e a profissionalização da medicina na corte do Rio de Janeiro, 1854-1884*. Dissertação de mestrado, USP, São Paulo, 1992.

FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves . *A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

GINZBURG , Carlos. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa, Difel, 1989.

JEHA, Silvana. *Ganhar a vida*. Uma história do barbeiro Antonio José Dutra e sua família. Rio de Janeiro, século XIX. In: USOS DO PASSADO XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA



ANPUH-RIO, 2006, NITERÓI. USOS DO PASSADO XII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA ANPUH-RIO. Programação geral, 2006.

KARASCH, Mary. *Slave life in Rio de Janeiro, 1808-1850*. Princeton, Princeton University Press, 1987. [*A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*]. São Paulo, Companhia das Letras, 2000].

LEGIBRE, Arlette. “Sangrar e purgar!” em Jacques Le Goff (org.), *As doenças têm história*, Lisboa, Terramar, s/d.

LEVI, Giovanni. *Sobre a micro-história*. In. A escrita da história: novas perspectivas, Peter Burke, org. São Paulo: Editora UNESP, 1992

_____. *A herança imaterial*. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

PIMENTA, Tânia Salgado. *Barbeiros- sangradores e curandeiros no Brasil (1808-28)*. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 349-374, 1998.

_____. *O Exercício das Artes de Curar no Rio de Janeiro da Primeira Metade do Oitocentos*. In: Simpósio Internacional História dos Trabalhadores da Saúde, Rio de Janeiro. Simpósio Internacional História dos Trabalhadores da Saúde. 2006.

PIRES, Ana Flávia Cicchelli . A participação dos sangradores no comércio atlântico de escravos. In: XII Encontro Regional de História, 2006, Niterói. Anais do XII Encontro Regional de História, 2006.

SANTOS FILHO, Lycurgo. *História Geral da Medicina Brasileira* (1 ed. 1948), Vol. I e II, São Paulo, Hucitec/EDUSP, 1976.

SOARES, Luiz. Carlos. *O Povo de Cam na capital do Brasil*. A escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX. Rio de Janeiro: FAPERJ - Editora 7 Letra.

WITTER, Nikelen Acosta. *Dizem que foi feitiço: as práticas da cura no sul do Brasil (1845-1880)*. 1. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.